UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE HISTÓRIA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA

IAN SILVA LEMOS MONTEIRO

OLHOS SOBRE PIXELS: Projeto historix como recurso digital para o ensino de história

Ananindeua
2021

IAN SILVA LEMOS MONTEIRO

OLHOS SOBRE PIXELS: Projeto historix como recurso digital para o ensino de história

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História, Faculdade de História, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

Ananindeua

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M772o Monteiro, Ian Silva Lemos.
Olhos sobre pixels : projeto historix como recurso digital para oensino de história / Ian Silva Lemos Monteiro. — 2021.
42 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - UniversidadeFederal do Pará, Campus Universitário de Ananindeua, Curso de História, Ananindeua, 2021.

1. História Pública. 2. História Digital. 3. Ensino de História. 4. Redes Sociais. 5. Vídeo-Ensaio. I. Título.

CDD 370

IAN SILVA LEMOS MONTEIRO

OLHOS SOBRE PIXELS: Projeto historix como recurso digital para o ensino de história

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História, Faculdade de História, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

Aprovado em: 16/06/2021.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle
Orientador - Universidade Federal do Pará

_____

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos
Avaliador interno - Universidade Federal do Pará

_____

Profª. Me. Francy Taissa Nunes Barbosa
Avaliadora externa - Universidade Federal do Pará

À minha família, em especial a memória de meu avô Milton Tavares.

AGRADECIMENTOS

Expresso aqui minha gratidão a todas as pessoas que estiveram presentes na minha vida durante esse longo processo de formação e que hoje em dia se tornaram ainda mais importantes para mim e que me inspiram na busca de meus sonhos e na tentativa de sempre melhorar como pessoa.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha família que mesmo com todos os altos e baixos que podem haver, me apoiaram incondicionalmente durante esse período de graduação. Deixo aqui meus agradecimentos especiais para minha tia Márcia que sempre foi também uma grande amiga e parceira em tudo, que hoje posso ter a honra de ser companheiro de profissão de alguém que eu tanto amo e admiro. Aos meus pais, Igor e Tatiana, que foram peças fundamentais na minha formação humana e que sempre me apoiaram ao decorrer desse curso desde a festa da minha aprovação à conclusão desse ciclo. Aos meus avós paternos, Tacísia e Dodô, que sem dúvidas foram pilares para mim desde minha infância até os dias de hoje e também aos meus avós maternos já falecidos, Francisca e Milton, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram a todo custo, então deixo aqui minha homenagem a minha avó que infelizmente não esteve presente no início dessa caminhada da universidade mas que certamente me apoiaria em meus sonhos e a meu avô vítima da Covid-19 e do negacionismo instaurado em nosso país nos últimos anos.

O início na universidade me proporcionou conhecer o trabalho de um dos melhores professores que já tive e que influenciou diretamente em minha trajetória acadêmica com conselhos e sua forma sensível de ver o mundo, consequentemente, de ver a história. Deixo aqui meus sinceros agradecimentos a esse profissional, professor Wesley Kettle, que compartilhou seu conhecimento e experiências comigo, apoiando sempre minhas ideias e escolhas. Tive a grande oportunidade de ser bolsista do Historix, projeto de extensão coordenado pelo professor Kettle, que acabou me levando a conhecer uma nova linha de pesquisa e me proporcionou novas experiências, tornando assim o objeto de estudo deste trabalho e que tive o prazer de tê-lo como orientador desta pesquisa. Agradeço também aos demais profissionais da Faculdade de História do Campus de Ananindeua que foram parte essencial na minha formação profissional, deixo aqui os agradecimentos especiais às professoras Sidiana, Sueny e Siméia, além dos professores Carlos Bastos e Wesley Garcia que tem minha admiração e respeito.

A vivência na universidade me proporcionou encontrar pessoas e momentos que levarei eternamente e sou muito grato de ter passado por vários momentos com meus colegas de turma que sempre se mostraram dispostos a apoiar uns aos outros, sempre que alguém

precisava, certamente parte da minha formação humana foi feita com essa turma. Agradeço em especial a meus amigos Paulo e Victória que de certo foram pessoas especiais nesse curso e espero levar pro resto da vida. Aos meus companheiros de todas as horas e quase todos os trabalhos Thales Wendel e Derik Carvalho, sem dúvidas são amizades que levarei pro resto da minha vida.

Gostaria de expressar meus mais sinceros agradecimentos ao Coletivo Pajeú que fez parte desta minha trajetória acadêmica e humana, que ano após ano se consolidou também como uma família para mim e que a cada dia me faz acreditar nos sonhos de termos um mundo mais justo, deixo meus agradecimentos a todos os militantes do campo. Agradeço também ao Cursinho Popular Marielle Franco, projeto de educação popular em tive a oportunidade de ser professor e estar coordenando junto com diversos companheiros e que deixo aqui um agradecimento especial a Eline Garcia, mulher que eu tenho uma tremenda admiração e que me apoiou e se dispôs a me ajudar sempre que eu precisasse.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a meus grandes amigos Derik, Rafael, Matheus, Hosannah, Camila, Lothar e Luiz pelo grande companheirismo durante esses anos e que a cada dia esse laço vem se fortalecendo. Os caminhos traçados durante esses anos, sem dúvida não foram fáceis e devo muito do que me tornei as pessoas que eu tive a grande oportunidade de conhecer e levar um pouco de cada um para esses anos que seguem.

Muito obrigado!

“A educação no contexto digital deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história” (GOMEZ, 2004, p.23).

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de analisar e discutir as produções do Laboratório Virtual de Ensino de História da Universidade Federal do Pará (LVEH), projeto coordenado pelo Prof. Dr. Wesley Kettle, o qual faço parte desde 2018 e que tem como intuito ocupar a internet através das redes sociais sendo estas YouTube, Facebook e Google Classroom, buscando pensar a História, termos de divulgação científica e produção do conhecimento, dentro de espaços que são entendidos como "locais de entretenimento", como é apontado pela autora Faye Sayer (2015). Partindo disso, foi possível realizar trabalhos de relevância para a discussão do ensino de história e da história pública, o LVEH promoveu dentro da plataforma do Facebook um simpósio online com a intenção de aproximar os professores do ensino básico das discussões da academia. Durante o ano de 2018, foram promovidos 2 simpósios online os quais foram debatidos artigos, entre eles, um sobre a Educação de Jovens e Adultos e outro sobre Educação e Cultura Surda. Simultaneamente, também foram postados vídeos no canal do Laboratório sobre a produção acadêmica dos profissionais da UFPA, especificamente do campus Ananindeua, onde foi possível discutir o trabalho dos pesquisadores e ouvir dos mesmos sobre a pesquisa. Ao longo do ano de 2018, o LVEH conseguiu discutir e expandir os produtos da UFPA, na mesma medida em que reaproximou a universidade com aqueles profissionais que ela havia formado, destacando também a oferta de nosso primeiro curso online "Arqueologia no Ensino de História" com parte importante deste processo em 2018. Em 2019, tivemos a produção de um vídeo com a Professora Siméia Lopes que falou sobre a "História Econômica na Amazônia do Séc. XVIII e XIX" e demos início a criação de um repositório virtual, onde inserimos e-books enviados por seus autores para que possamos divulgá-los e que pode ser encontrado em nosso site (lveh.ufpa.br). Para além disso esse trabalho também traz a análise de outro caminho a ser trilhado pelos historiadores a partir do formato de vídeo-ensaio e vídeo-história, que consistem em vídeos curtos que estão ligados não apenas a linguagem acadêmica mas que pode também se conectar a elementos da cultura em geral, apresentando-se como elemento facilitador para o entendimento da história, sempre levando em consideração as mudanças, transformações, construções e disputas causadas por novos espaços de divulgação e formação de narrativas históricas e que hoje estão cada vez mais presentes nos espaços digitais. A utilização das redes sociais na educação é uma tarefa importante e a experiência com o Laboratório Virtual de Ensino de História expõe que esta possibilidade pode ser realizada.

Palavras-chave: História Pública. História Digital. Redes Sociais. Ensino de História. Vídeo-Ensaio. Vídeo-História.

ABSTRACT

This work aims to analyze and discuss the productions of the Virtual Laboratory of History Teaching of the Federal University of Pará (LVEH), a project coordinated by Prof. Dr. Wesley Kettle, which I have been part of since 2018 and which aims to occupy the internet through social networks such as YouTube, Facebook and Google Classroom, seeking to think history, in terms of scientific dissemination and knowledge production, within spaces that are understood as "places of entertainment", as pointed out by Faye Sayer (2015). Starting from this, it was possible to carry out works of relevance for the discussion of history teaching and public history, the LVEH promoted within the Facebook platform an online symposium with the intention of bringing elementary school teachers closer to the discussions of the academy. During 2018, 2 online symposia were promoted which discussed articles, among them, one on Youth and Adult Education and another on Deaf Education and Culture. Simultaneously, videos were also posted on the Lab's channel about the academic production of UFPA professionals, specifically from the Ananindeua campus, where it was possible to discuss the researchers' work and hear from them about their research. Throughout 2018, LVEH was able to discuss and expand UFPA's products, to the same extent that it re-approached the university with those professionals it had trained, also highlighting the offering of our first online course "Archaeology in History Teaching" with an important part of this process in 2018. In 2019, we had the production of a video with Professor Siméia Lopes who spoke about "Economic History in the Amazon of the 18th and 19th century" and we started the creation of a virtual repository, where we insert e-books sent by their authors so that we can disseminate them and that can be found on our website (lveh.ufpa.br). In addition, this work also brings the analysis of another path to be followed by historians from the format of video-essays and video-history, which consist of short videos that are linked not only to the academic language but can also connect to elements of culture in general, presenting themselves as a facilitating element for the understanding of history, always taking into consideration the changes, transformations, constructions and disputes caused by new spaces of dissemination and formation of historical narratives and that today are increasingly present in digital spaces. The use of social networks in education is an important task and the experience with the Virtual Laboratory for History Teaching exposes that this possibility can be realized.

Keywords: Public History. Digital History. Social Networks. History Teaching. Video-Essay. Video-History.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Métricas associadas a exibição dos vídeos na plataforma do Youtube 28

LISTA DE SIGLAS

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LVEH - Laboratório Virtual de Ensino de História

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

UFPA - Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **13**
2 PROJETO HISTORIX E A PRODUÇÃO DE RECURSOS DIGITAIS PARA O ENSINO **16**
3 HISTORIX E AS REDES SOCIAIS **21**
3.1 Facebook como ferramenta para debates **22**
3.2 Youtube e a divulgação científica **27**
3.3 Google Classroom e o Curso de Arqueologia no Ensino de História **29**
3.4 Site do LVEH **30**
4 UMA OUTRA POSSIBILIDADE: VÍDEO-ENSAIO E VÍDEO-HISTÓRIA ..... ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
5 CONCLUSÃO ..... ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
REFERÊNCIAS **366**
APÊNDICE A – ROTEIRO DO VÍDEO "HISTÓRIA ECONÔMICA NA AMAZÔNIA" **39**
APÊNDICE B – ROTEIRO DO VÍDEO "UM GREGO AGORA NU" **40**
APÊNDICE C – ROTEIRO DO VÍDEO "ENSINO DE HISTÓRIA DOS SURDOS" **41**

1 INTRODUÇÃO

A interação interpessoal nos dias atuais é, de certo, bastante influenciada pelo mundo virtual que vem passando por diversas transformações ao longo de sua história, desde a forma em que nós, usuários, percebemos e utilizamos a rede à mudanças estruturais que passaram a se ligar muito mais à experiência dos sujeitos que estão conectados à internet. Esse momento ficou conhecido como a *Web* 2.0[1], uma nova fase da internet que se baseia na interação do usuário com o conteúdo e com outros usuários através do surgimento de comunidades como as redes sociais. Tornou-se possível perceber a ascensão de um novo local de compartilhamento de informações, o qual detém uma dinâmica própria e que vem se mostrando cada vez mais influente no cotidiano das pessoas. A exemplo disso, as redes sociais como o YouTube, Facebook e Instagram ocupam as horas de muitos brasileiros e de acordo com o IBGE (2018), 94,2% dos brasileiros utilizam as redes sociais para trocar mensagens de textos, e que demonstra a influência e papel fundamental que essas comunidades virtuais têm na divulgação/distribuição de informações na nossa realidade social, como nas eleições presidenciais de 2018 onde, segundo o jornal Folha de São Paulo, a internet superou a TV em exercer influência sobre as pessoas (PASSOS *et al*, 2018).

Tendo em vista a longevidade e grande influência dessas novas comunidades da Web 2.0 na atmosfera social do Brasil, a temática deste trabalho foi escolhida a fim de analisar e explorar as possibilidades de trabalhar a História a partir da internet, especificamente, as redes sociais como o Facebook e o Youtube, como uma forma de democratização do conhecimento produzido dentro da universidade, buscando fomentar debates sobre História em espaços mais amplos e acessíveis. A experiência obtida durante os anos de 2018 a 2019 com o projeto de extensão[2] "HISTORIX: Recursos digitais para o ensino de História", apoiado pela Pró Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal do Pará com uma bolsa e que está vinculado ao Laboratório Virtual de Ensino de História (LVEH) sob orientação e coordenação do Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle, será o ponto de partida deste artigo, onde analisarei as metodologias

[1] Termo utilizado inicialmente por Tim O'Reilly e que segundo o autor "O conceito de 'Web 2.0' começou com uma conferência de brainstorming entre a O'Reilly e a MediaLive Internationall" (O'REILLY, 2006). O web 2.0 surge como um conceito que demarca um novo momento da internet, onde a experiência dos usuários e a interatividade entre os mesmos é o ponto central.

[2] Atividade voltada para divulgação e conexão de produções acadêmicas com a sociedade. De acordo com Resolução nº 3.298, de 7 de Março de 2005 da UFPA, entende-se que uma atividade de extensão "é um conjunto de atividades acadêmicas, de caráter múltiplo e flexível, que se constitui num processo educativo, cultural e científico, articulado ao ensino e à pesquisa, de forma indissociável, e que viabiliza, através de ações concretas e contínuas, a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade." (UFPA, 2005).

propostas durante o período em que fui bolsista (2018-2019), os resultados obtidos através do projeto que atua diretamente nas redes sociais, a criação e produção de um canal do Youtube e do site do LVEH, que são produtos deste trabalho de conclusão de curso, além de também explorar outras possibilidades de atuação na internet como as criações de vídeo-ensaios e vídeo-história, gêneros muito parecidos e que tem sido bastante difundido na plataforma do Youtube. O projeto de extensão "Historix: recursos digitais para o ensino de história", tem como objetivo produzir materiais audiovisuais que possibilitem ao público que está além da academia ter contato com os debates proporcionados pelos pesquisadores no campo dos estudos históricos através da criação de ambientes virtuais de aprendizado[3] que alcance um público amplo, desde professores, estudantes e demais membros da comunidade para discussões e para construção de um conhecimento feito a partir dessas interações. Os resultados obtidos através da nossa atuação nas redes sociais servirão como fontes para analisar criticamente a produção desses materiais e a relevância deste trabalho para o debate historiográfico.

E para a construção do trabalho, se torna importante o diálogo com os pressupostos da História pública e das Humanidades digitais 2.0,[4] tendo em vista a necessidade dos historiadores em explorar e ocupar espaços não-formais como as redes sociais dentro de uma perspectiva educacional pluridisciplinar e que se atente aos processos e mudanças sociais. De forma que até mesmo o cotidiano acadêmico, principalmente dentro das humanidades, se mostra cada vez mais propício às dinâmicas virtuais, pois estas criam novos processos e dão vozes a novos atores, os quais se mostram cada vez mais influentes dentro desta cultura virtual. O sociólogo Pedro Demo destaca a necessidade de se adaptar a novas dinâmicas de aprendizagem em uma citação indireta às ideias de Prensky, Demo afirma que "a aula está superada, não tanto porque os alunos já não a suportam, mas porque não corresponde à dinâmica da aprendizagem, tornada mais nítida em ambientes virtuais de aprendizagem" (DEMO, 2011). No entanto, é possível refletir através da citação de Demo, a aula em si não está superada, mas a aula em seu formato tradicional, pois o nível de informatização da nossa tende a crescer cada vez mais e a internet está no nosso dia-a-dia, como citado no início do texto, se trata de um processo que atinge diretamencite a forma como pensamos e agimos no mundo, mas que é necessário estar atento a

[3] Ambientes que nos permitam auxiliar na organização e montagem das dinâmicas que aqui serão propostas.

[4] Termo utilizado por Schnapp e Presner ao descrever um processo de mudança metodológica das Humanidades Digitais, o qual identificam como a segunda onda, sendo esta, ligada diretamente a uma análise mais qualitativa e interpretativa, levando em consideração o contexto histórico e a complexidades analíticas e críticas. Sendo assim, as Humanidades Digitais 2.0 fazem parte de um processo criado virtualmente que gera ambientes interativos singulares dentro do contexto virtual. Ao contrário da primeira onda, a qual é voltada para uma análise quantitativa. Ver mais: Schnapp, J. and Presner, P. (2009), 'Digital Humanities Manifesto 2.0', acesso em 04/05/2020 . Diponível em <http://www.humanitiesblast.com/manifesto/Manifesto_V2.pdf>

aspectos sociais importantes como o acesso a esse ambientes virtuais que ainda não são tão democráticos o quanto pensamos, tornando inviável a mudança total para um formato virtual. Porém busco apresentar aqui caminhos a serem seguidos, com a intenção de complementar e auxiliar o trabalho do professor em sala de aula, que a partir da utilização de ferramentas digitais como mediação desse novo processo histórico.

Pensando nisso, buscarei refletir sobre minha experiência com o projeto HISTORIX, como desempenhar um papel de mediador na produção do conhecimento dentro da rede digital, pois de acordo com David M. Berry (2012), estas novas formas de produção de conhecimento e de métodos tem sua mediação digital como uma problemática central dentro das Humanidades Digitais, as quais são geradas a partir de uma disseminação cultural, própria do meio digital. O papel de mediador exercido pelo historiador dentro da *web* se apresenta como redutor de equívocos provocados pela disseminação de novas narrativas, o que para Jill Liddington seria "uma explosão de representações populares do passado" (LIDDINGTON, 2011), segundo a autora é quase impossível não se deparar com uma produção de séries, filmes ou documentário que envolva a perspectiva histórica, além do que é possível ressaltar a criação de conteúdos que envolvem a história e que são disseminados pelas redes sociais por atores diversos e que passam a disputar a consciência histórica das pessoas nas redes mas que não se atenta a questões fundamentais do rigor científico de um historiador, o que evidencia a necessidade do historiador atuar com a função de mediador dentro das redes sociais, pois muitas vezes "o público acessa tais narrativas sem outros elementos para relativiza-las. Isso impacta a difusão de determinadas interpretações e o estabelecimento de significados do saber histórico na sociedade" (FERREIRA, 2018).

Tendo em vista isto, as redes sociais utilizadas pelo projeto HISTORIX como o YouTube, Facebook e outras que irei citar de forma mais concisa e explicativa durante o restante do texto, permitem com que apliquemos uma nova dinâmica de aprendizagem a pessoas de diferentes níveis de escolaridade. Porém é necessário entendermos um pouco de como cada uma delas aplica uma metodologia de atuação diferente adaptando-se às ferramentas disponíveis em cada rede social.

Além disso, a escolha pela temática se justifica também pela necessidade de que o conhecimento científico consiga ir além dos tão temidos e odiados "muros da universidade" que muitas vezes tem sido um empecilho quando falamos em levar o conhecimento científico para fora da academia e compartilhá-lo com a comunidade para que assim atinja seu caráter extensivo, principalmente ao falarmos sobre História, onde há uma série de preocupações metodológicas que devem ser consideradas mas que acabam por perder seu lugar, dentro da

imensidão virtual, para outros atores sociais e discursos que não tem uma atenção crítica ou o distanciamento necessário, como afirma Noiret:

> Infelizmente, a ausência de um conhecimento real da rede por parte dos historiadores acadêmicos poderia ter como consequência infausta a possibilidade de não contar com a sua capacidade profissional no que se refere à "filtragem" dos discursos de cada um na rede. Desse modo, teríamos à nossa volta formas de narração do passado elaboradas sem o devido distanciamento ou atenção crítica. As memórias de família, com materiais e fontes primárias descobertas em casa, podem ser hoje facilmente compartilhadas. Novos "genealogistas" podem, assim, escrever a história deles, que, por força das circunstâncias, carece de contextos narrativos e do necessário aprofundamento historiográfico. O passado de cada um na rede não é mais distante e historicizado, mas se torna emoção em um presente contínuo, nivelando os tempos históricos pela atualidade. (NOIRET, 2015)

Dentro desse processo de falta de conhecimento real da rede por parte dos acadêmicos, é possível perceber como afirma Demo (2011), que um dos maiores desafios na construção dessa nova dinâmica de aprendizagem não são os alunos, o maior desafio parte dos docentes, os quais em sua maior parte carecem de formações específicas para possam atuar em rede. E nessa perspectiva, este trabalho apresenta formas de alcançar esses professores por meio de apresentações de caminhos metodológicos para atuação no espaço virtual e também busca levar as discussões que estão sendo feitas dentro da academia para fora, na tentativa de "reescrever e reinterpretar os métodos profissionais e dominar as novas práticas digitalizadas" (NOIRET, 2015), buscando utilizar-se de ferramentas que possibilitam o encurtamento de distâncias, como a internet. Para isso, o meio acadêmico precisa apropriar-se dessas novas dinâmicas de aprendizagem a fim de consolidar o conhecimento acadêmico não mais como uma prática elitizada, mas como um conhecimento plural, confiável e acessível. Para que, a partir de então, consigamos construir um conhecimento mais democrático e colaborativo.

2 PROJETO HISTORIX E A PRODUÇÃO DE RECURSOS DIGITAIS PARA O ENSINO

O projeto HISTORIX foi desenvolvido na Universidade Federal do Pará (UFPA) e coordenado pelo Prof. Wesley Kettle, visa a democratização do conhecimento produzido dentro da academia através da atuação em redes sociais, que inicialmente tinha seu foco no público da área da História e principalmente em professores do ensino básico que não tinham mais tanto contato com a universidade por diversos fatores, mas que a partir de seu desenvolvimento foi possibilitando alcançar públicos mais abrangentes. Como um produto deste projeto, foi criado o Laboratório Virtual de Ensino de História (LVEH) e que fui colaborador através de uma bolsa de extensão, contemplada pela Pró Reitoria de Extensão da UFPA, que enxerga as redes sociais

como o ponto de aproximação entre a universidade e a população, que está cada vez mais conectada com a internet. Através do LVEH foram produzidos vídeos que analisarei mais a frente, com o intuito de propagar as pesquisas produzidas no Campus Universitário de Ananindeua. O projeto se justifica com uma das principais preocupações da História Pública como afirma Bruno Pastor de Carvalho,

> Desejamos divulgar a produção do conhecimento histórico para o grande público não só porque valorizamos o trabalho desenvolvido em nossos centros de pesquisa, mas porque acreditamos que, ao compartilhar esses saberes, podemos contribuir para formar uma sociedade mais crítica, esclarecida e democrática. Neste sentido, podemos dizer que a excelência de uma universidade ou centro de pesquisa também pode ser medida pela quantidade e qualidade de seus projetos de divulgação científica. Uma universidade que não investe em divulgação para o grande público tende a se distanciar da sociedade e da cultura que a cerca.(CARVALHO, 2016)

O fato de democratizar de maneira continuada o conhecimento histórico produzido na academia, atingindo por meio da internet, diversas e novas dimensões (ainda não exploradas) da sociedade atual, no momento em que o conhecimento histórico é percebido pelos mais amplos meios de comunicação, como um guia para a compreensão de questões políticas, sociais, religiosas e culturais suscitadas no presente, se torna a justificativa principal de atuação do projeto.

> De um modo geral se apresenta que atualmente está emergindo um novo paradigma educacional, cuja dinâmica pedagógica se caracteriza pela necessidade de desenvolver em cada estudante práticas de habilidades avançadas, pela adoção de longas unidades de conteúdos autênticos e únicos, pela introdução do currículo multidisciplinar, pela avaliação baseada no desempenho e/ou na performance, pela ênfase na aprendizagem colaborativa, na postura do professor como facilitador, pela predominância de agrupamentos heterogêneos, pela aprendizagem estudantil assumindo uma contotação de exploração de conteúdos dinâmicos, e pela adoção de modos de instrução interativos (SILVA, 2007)

Além disso, como foi citado inicialmente, percebemos também que muitos professores formados na universidade não retornam a mesma, seja para uma formação ou até mesmo para eventos acadêmicos. O LVEH busca aproximar esses profissionais que estão sem contato com o conhecimento acadêmico, seja por motivos geográficos, financeiros ou por falta de tempo dentro do dia-a-dia, com intuito de atualizar esses professores e encurtar as distâncias, como afirma Carvalho:

> A tecnologia, nesse sentido, tem permitido superar grandes barreiras geográficas e financeiras. Atualmente, não é preciso necessariamente viajar para acompanhar palestras e conferências de especialistas, organizadas por instituições geográfica e economicamente distantes. A transmissão virtual, em tempo real, não raro com possibilidade para intervenções, tem globalizado experiências e quebrado antigos paradigmas de acesso aos principais centros produtores de conhecimento do mundo. (CARVALHO, 2014)

E nesse sentido de encurtar as distâncias o projeto teve resultados importantes como a ampla participação de professores e estudantes nos ambientes elaborados nas redes sociais. A

exemplo disso, tivemos um total de 1.416 visualizações[5] nos vídeos produzidos durante o período em que analiso, tivemos adição de 130 membros em nosso grupo do Facebook e a procura de 203 pessoas para participação do curso sobre ensino de história e arqueologia[6], que evidencia a relevância da atuação do projeto.

Para além disto, é possível pensar uma produção do conhecimento que seja feita de forma colaborativa, através da interação proporcionada pelos ambientes das redes sociais, compartilhando experiências e conhecimentos sobre determinado assunto discutido. Como sugere David M. Berry (2012), devemos pensar metodologias que explorem formas mais comunicativas ou conceituais, com um processo contínuo de reflexão e colaboração, que se tornam mais evidentes quando são exploradas pela dinâmica virtual. Como opção para construção e exploração dessas comunidades colaborativas a qual Berry aponta, podemos encontrar nas redes sociais o lugar para se estabelecer o diálogo entre a comunidade e a produção científica, a pedagoga Margarita V. Gomes argumenta que:

> O trabalho em rede permite compartilhar experiências e conhecimentos através do diálogo e da comunicação; permite formar comunidades e fazer coisas junto com outras pessoas, combinando situações presenciais e *online*. Trabalhar em rede tornou-se em parte uma necessidade, a partir do momento em que a economia foi aos poucos deflagrando modos descentralizados de produção, sustentada na informação e no conhecimento.
> Certamente, o sistema educativo está atrelado a essa economia que, de alguma maneira, responde em termos de ganhos ou perdas em vez de enriquecimento mútuo por um processo educativo solidário e humanista. E, mesmo que as redes sociais mais conhecidas no âmbito local não tenham sido criadas para a educação, o aluno e o professor podem se beneficiar quando adquirem autonomia para decidir pelo trabalho em rede, pois ele não se dá por decreto. A rede é mais um espaço da escola contemporânea que necessita de orientação e cuidado para se transformar em um dispositivo pedagógico. (GOMEZ, 2010)

Desta forma, o projeto atuou durante um ano, utilizando diversas plataformas para que conseguíssemos chegar aos objetivos pré estabelecidos, a democratização do conhecimento acadêmico e a aproximação entre a universidade e a comunidade externa a ela. Entre essas plataformas estão o Facebook, YouTube, Google Classroom e um site criado com o intuito de atuar como um repositório virtual do projeto.

Para isso, entendemos que pensar a História Pública como uma perspectiva essencial para compreensão da história atualmente é levar em consideração essas mudanças, transformações, construções e disputas causadas pelo surgimento de novos espaços de divulgação e formação de narrativas históricas, podendo ser, os museus, as novelas, os filmes e principalmente a internet, a qual é o espaço de atuação do Projeto Historix e que sugerem uma

---

[5] Informações retiradas do YouTube no dia 07/04/2021.

[6] Este é o número de pessoas que entraram em contato até a data estabelecida (qual a data?) para as inscrições, porém o curso ainda é procurado por muitos profissionais, destacando a relevância e importância da iniciativa.

nova perspectiva para a História. E assim como uma sala de aula, esses "novos" espaços detém suas peculiaridades e dinâmicas próprias. No entanto, cabe ao profissional da história reconhecer esses lugares como formadores/fornecedores de um conhecimento histórico, ocupar-se destes locais e, caso queira, utilizá-los como ferramentas para o ensino.

Estas alterações na forma como parte de nós percebemos a História, refletem diretamente na forma como o historiador irá realizar o seu ofício, pois a partir do momento em que o professor reconhece novos espaços de formação para além das escolas, é possível entender os desafios e conflitos gerados a partir de novas dinâmicas de aprendizagem, as quais não competem apenas ao espaço escolar. Por isso, se torna essencial a ocupação destes "locais de entretenimento"[7] para que o historiador consiga mediar e reduzir equívocos. Rodrigo de Almeida Ferreira (2018) por exemplo, ao discutir a relação entre a história pública e o ensino, aponta algumas problemáticas causadas a partir da ausência do profissional da história fora dos espaços escolares:

> "Para além da sala de aula, local privilegiado na interface história pública/ensino, é essencial considerar os desafios e ambiguidades dessa relação fora dos espaços escolares. Parte da educação para o conhecimento histórico realizada por meio de narrativas e suportes não-escolares e/ou historiográficos, deriva de áreas como cinema, carnaval, telenovelas. A ausência da mediação e/ou participação de historiadores nesse tipo de produção frequentemente a torna questionável quanto ao compromisso com a História; por extensão, é uma crítica à história pública e à ênfase em ampliar os públicos para a divulgação histórica." (FERREIRA, 2018)

Dessa forma, a história pública não busca apresentar-se como parte da ciência histórica que avalia o que é história ou o que não é história, mas se apresenta como uma possibilidade de construção de um "conhecimento pluridisciplinar"[8] e de múltiplas vivências, para que assim possa atentar-se aos processos sociais. Nesta lógica, se torna necessário pensarmos novas dinâmicas de aprendizagem e também reconhecer sua existência, assim como, também devemos levar em consideração as mudanças metodológicas na forma deste ensino a partir destas novas dinâmicas. "Pensar a dimensão pública do conhecimento histórico incita historiadores e historiadoras a refletirem a respeito de seu próprio tempo, sobre a prática historiadora e as implicações do seu *métier* no mundo social." (MAUAD *et al*, 2018).

A construção de um projeto de extensão como o projeto "HISTORIX" decorre dos pressupostos teóricos estabelecidos pela História Pública, buscando aproximações cada vez mais constantes com um público diversificado e específico, além de entender que cada vez

---

[7] Conceito utilizado por Faye Sayer em "Public history: a practical guide".

[8] Juniele de Almeida e Marta Rovai trabalham a ideia do campo da História Pública como um campo de construção de saberes pluridisciplinares que estão relacionados aos processos sociais, mudanças e tensões provocadas a partir destes processos. Vendo assim a História Pública como uma forma de democratizar a História mas sem perder o seu rigor.

mais, as tecnologias digitais, principalmente a internet vem transformando a forma como entendemos nossa sociedade. Sobre isso o sociólogo Pierre Lévy destaca as transformações sociais provocadas a partir da internet, onde

> Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria. (LÉVY, 1993)

A apropriação de meio digitais por parte da ciência histórica e até mesmo de outras áreas, hoje, é uma necessidade e deve ser tratada como um ponto prioritário a medida que não devemos negar nosso lugar, o avanço tecnológico e a influência da internet na vida das pessoas, pois "não se trata apenas de uma transformação técnica, mas sobretudo filosófica e comportamental, na maneira como as pessoas se comunicam e experimentam a realidade" (CARVALHO, 2014).

Nesse ponto, o encontro entre História Pública e História Digital, além do exercício das duas, é de extrema importância para essa adaptação metodológica e para entender toda a transformação social que vem sendo construída desde o advento do computador até os dias atuais, onde a internet se tornou o principal meio de comunicação. No entanto, vale ressaltar que "o que as novas tecnologias podem nos trazer são oportunidades ainda mais ampliadas, em meio também a enormes riscos e desacertos" (DEMO, 2009). Logo, devemos ter uma série de preocupações para que estas metodologias de ensino voltadas para o meio digital consigam ser efetivas e alcançar os seus objetivos.

O conceito de "História Pública Digital" construído por Serge Noiret converge diretamente com os pressupostos estabelecidos pelo Laboratório Virtual de Ensino de História, dada as suas proporções, com interesse de explorar o meio digitais para a principal tarefa do historiador público, a divulgação da historiografia, da produção acadêmica para um público mais amplo e de forma mais acessível.

> O historiador público deve poder fazer mediação com as formas públicas de conhecimento do passado que a rede oferece, contribuindo na primeira pessoa à narrativa do passado em meios virtuais. Construir uma história pública digital que seja capaz de fazer frente e de mediar de modo crítico a manifestação incessante das memórias privadas – e das memórias coletivas embalsamadas – é certamente um papel profissional destinado ao trabalho do "public historian". (NOIRET, 2015)

A partir disso, reforço a importância de se estabelecer como um historiador público digital para o desenvolvimento do projeto "HISTORIX", buscando apropriar-se de locais pouco

habitados pela comunidade acadêmica e ocupando os chamados “locais de entretenimento” como as redes sociais.

3 HISTORIX E AS REDES SOCIAIS

A ideia de locais de entretenimento, explorada por Faye Sayer em seu texto *“History beyond the classroom”* é apontada como uma possibilidade de ensinar e aprender história a partir de espaços não formais, ou seja, locais que não estão ligados a um ambiente de produção e compartilhamento de conhecimento.

Sayer afirma que a História Pública levou os olhares da história para além do educacional e buscou lugares de debates mais amplos, indo em direção ao entretenimento. Faye Sayer (2015) entende que a partir disso construiu-se uma visão de História menos estática, em busca de mais interatividade e participação do “público”, sempre buscando o equilíbrio entre o educacional e o entretenimento. “Dada a novidade de tudo isso, há muitos aspectos relacionados à Internet que ainda não foram devidamente explorados, mas que são centrais para o desenvolvimento do campo da História Pública. Um desses aspectos são as redes sociais online” (CARVALHO, 2016).

Redes sociais como YouTube e Facebook, além de serem pouco exploradas pelos historiadores e educadores como afirma Carvalho, essas ferramentas permitem não só com que as pessoas leiam conteúdos expressos mas também permite uma interação mais direta e constante. “No computador não existe apenas material para ‘ler’; há também para ver, escutar, manipular, mexer” (DEMO, 2009), tornando essas pessoas sujeitos da aprendizagem, deixando de ser apenas um ouvinte e passando a ser também um comunicador, um transmissor de experiências e conhecimento.

Dentre essas novas dinâmicas e também desafios que a História e a História pública devem enfrentar é a construção e reflexão do ambiente virtual e a sua relação com a produção do conhecimento histórico que está diretamente ligado com a ideia de consciência histórica. De acordo com Sara Albieri (2011), a consciência histórica é manifestada através da cultura, a qual se impõe através de um pensamento coletivo e que a partir disso, constitui determinadas memórias históricas. Desta forma, a consciência histórica apresenta-se como ideia importante na formação do conhecimento histórico. Albieri aponta a noção da consciência histórica como um conceito filosófico que fundamentaria a passagem da história acadêmica para a história pública, e que de acordo com a autora, “Trata-se de uma visão teórica, que reconhece na condição humana o pressuposto histórico: pensamos e falamos historicamente, e esse é o modo

pelo qual nos posicionamos na cultura." (ALBIERI, 2011). No entanto, a consciência histórica pode manifestar-se de formas diferentes no ambiente virtual, pois este, nos propõem dinâmica diferentes e que alteram significativamente o modo como agimos, pensamos e falamos, além da forma em que nos posicionamos em relação a cultura estabelecida na internet. Para isso se torna necessário, como sugere Albieri, entender como pensamos e falamos historicamente na internet, para que seja possível entendermos como é formado o conhecimento histórico nos locais de entretenimento.

A atuação do projeto Historix reconhece as redes sociais como locais de entretenimento que fortalecem a chamada cultura de colaboração em que afirma-se a História pública. "E isso não deve surpreender, afinal de contas a História Pública, não importa qual a vertente, sempre buscou aproximar o grande público dos processos de construção da história" (CARVALHO, 2016).

Cada plataforma utilizada pelo Laboratório, como já foi dito, consiste em uma metodologia diferente e objetivos diferentes. Dividirei em seções para explicar pontualmente as especificidades de cada plataforma.

3.1 Facebook como ferramenta para debates

A plataforma do Facebook cada vez mais tem atraído a atenção do público acadêmico por sua capacidade de interação e compartilhamento. A análise e a construção metodológica feita a partir da História Pública Digital tem a ver com a condições de produção do conhecimento acadêmico (LUCCHESI, 2009) que cada vez mais está ligado a internet, é o momento onde cada vez mais as pessoas estão conectadas e produzem conteúdo para a rede. Para exemplificar, Bruno de Carvalho cita o caso ocorrido com Ronaldo Vainfas:

> O professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Ronaldo Vainfas, publicou um texto em seu perfil no Facebook sobre as efemérides em torno dos 50 anos do golpe civil-militar de 1964, que estavam em seu ápice naquele mês. Esse texto nos interessa aqui já em sua apresentação: "Pensei em fazer um artigo pro O Globo, na página dos editoriais, mas o espaço seria mínimo e o número de leitores mais reduzido do que os do Facebook". Para Vainfas, ainda que seu número de leitores seja pequeno, o Facebook é visto como um espaço de crítica política e historiográfica mais relevante, abrangente e de maior alcance do que um jornal quase centenário e de circulação nacional. Esse juízo de valor por si só já é digno de destaque. Mas a consequência da publicação do texto de Vainfas nos revela aspectos ainda mais interessantes. Em pouco tempo, o "desabafo" do historiador mostrou que o poder de uma rede social como o Facebook pode ser tudo, exceto limitado. (CARVALHO, 2014)

A utilização desses meios digitais possibilita atingir um público mais amplo, como nas redes sociais, além de mostrar as silhuetas e peculiaridades da utilização do Facebook. O

exercício de reformulação e adaptação metodológica em razão das novas dinâmicas de aprendizagem difundidas com a utilização da internet se faz necessário, ao pensarmos que o ofício do profissional de História também se reformula e se restabelece a partir das novas práticas educacionais. Partindo disso, a História Pública vem como

> Uma forma do historiador profissional engajar diferentes públicos não-especialistas com o conhecimento histórico, de forma crítica, participativa e emancipatória, utilizando para isso os mais diversos recursos tecnológicos e metodológicos. A História Pública, desta forma, tem muitas moradas. E nisso, ao que me parece, os historiadores parecem concordar: entende-se, hoje, que ela pode (e deve) ser feita nas ruas, na mídia, nos museus, nas galerias, nos arquivos, nas escolas, nas bibliotecas e até mesmo no interior de organizações privadas (CARVALHO, 2017).

A busca por este engajamento de novos e diferentes públicos, que pode ser proporcionado pela História Pública, permite ao historiador perceber um leque de possibilidades a serem exploradas a partir destas "novas moradas" como cita Bruno L. Pastor de Carvalho. E com isso possibilitando a história, uma dinâmica mais apta e atenta aos processos do presente, como afirma Faye Sayer, "A história pública é ativa, reativa e relevante no presente e, como tal, relevante para o público em geral, permitindo-lhes conectar-se ao passado, presente ou futuro" (SAYER, 2015).

Pensando nisso, o Facebook foi o ponto inicial e também a primeira plataforma explorada pelo HISTORIX em que focamos em uma dinâmica de debate de textos produzidos na academia, como se fossem simpósios mas adaptados à lógica da rede social, se assemelhando a fóruns. Para isso, foi criado um grupo dentro do Facebook, chamado Laboratório Virtual de Ensino de História[9] e foram adicionados alguns participantes do I Simpósio Online de Ensino de História, organizado pelo professor Wesley Kettle, feito também em formato online e que serviu de exemplo para a atuação do projeto no Facebook, além de divulgar o grupo através das redes sociais para que mais professores e alunos pudessem fazer parte e contribuir com o projeto.

Em 2018, foram promovidos dois debates no Facebook de textos selecionados pelo professor Wesley Kettle, sendo o primeiro sobre Educação de Jovens e Adultos (EJA) e outro sobre a cultura Surda de utilizando, respectivamente, os seguinte artigos: "Visões da educação de jovens e adultos no Brasil" de Maria Clara Di Pierro, Orlando Joia e Vera Ribeiro, e "À margem da historiografia e sem acesso às aulas de história: cultura e identidade surda na luta pelas conquistas de direitos" do professor Ernesto Padovani Netto. Os participantes, em grande maioria, foram professores do ensino básico.

[9] O grupo pode ser encontrado em: https://www.facebook.com/groups/225377754877369

Figura 1: Disponibilização do texto base para o debate, através de um *post.*

Wesley Kettle
Administrador · 10 de maio de 2018

1ª atividade- Saudações a todos que fizeram sua inscrição e se tornaram membros do Laboratório Virtual de Ensino de História. Obrigado por aceitarem participar desse projeto. Nossa primeira atividade será a leitura e discussão de um artigo sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O objetivo é pensar, a partir do texto, conexões com o Ensino de História. O título do artigo é VISÕES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL e o link para a leitura é http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541 Iremos fazer uma postagem para que todos participem da discussão e cumprimento da atividade. Boa leitura!

VISÕES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

MARIA CLARA DI PIERRO
ORLANDO JOIA
VERA MASAGÃO RIBEIRO*

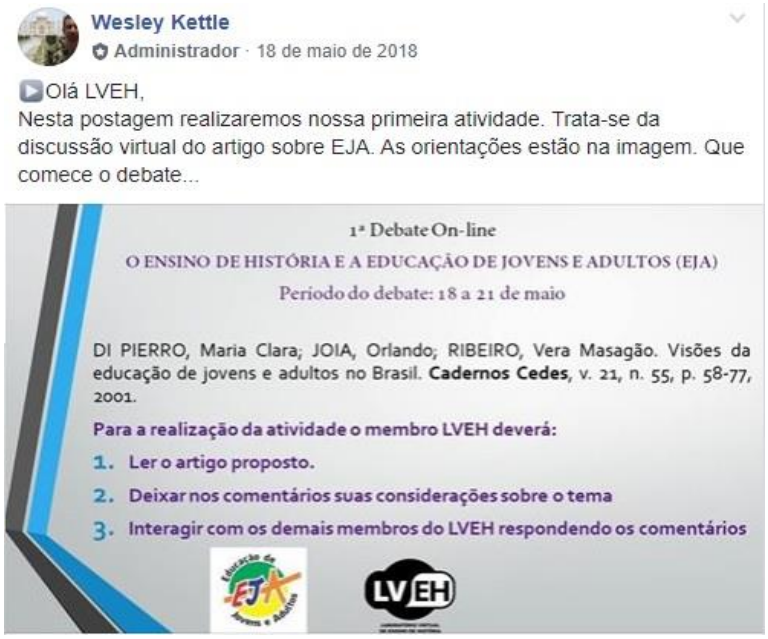
RESUMO: Este artigo discute a situação atual da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Iniciando a discussão por uma revisão histórica das políticas de educação de adultos nas grandes reformas educacionais deste século, conclui com uma análise das possibilidades de realizar uma educação em suplência que de forma renovada não caia na repetição dos erros do passado nem escolarize demais este nível de ensino.

Palavras-chave: Política Educacional; Política de Educação de Jovens e Adultos; Brasil.

Fonte: Ian S. Lemos Monteiro/LVEH

O primeiro passo desta metodologia foi a criação de um *post* para a disponibilização de textos para leitura através de um link, como é visto na figura 1, para que os participantes pudessem ter acesso ao artigo selecionado. Após isso, o participante teria um tempo pré-estabelecido de mais ou menos uma semana para fazer a leitura do material e participar da discussão.

Figura 2 - Metodologia do debate.



Wesley Kettle
Administrador · 18 de maio de 2018

Olá LVEH,
Nesta postagem realizaremos nossa primeira atividade. Trata-se da discussão virtual do artigo sobre EJA. As orientações estão na imagem. Que comece o debate...

1ª Debate On-line
O ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)
Período do debate: 18 a 21 de maio

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, v. 21, n. 55, p. 58-77, 2001.

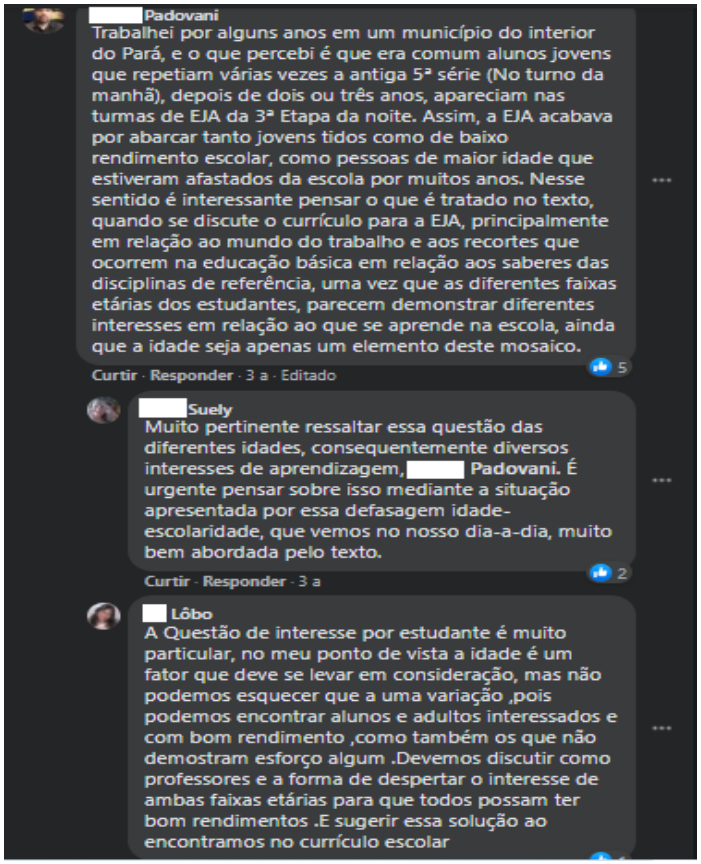
Para a realização da atividade o membro LVEH deverá:

1. **Ler o artigo proposto.**
2. **Deixar nos comentários suas considerações sobre o tema**
3. **Interagir com os demais membros do LVEH respondendo os comentários**

Fonte: Ian S. Lemos Monteiro/LVEH

A metodologia dos debates, explora a forma de comunicação proporcionada pela rede social, onde é possível fazer um comentário e a partir dele outras pessoas podem respondê-lo concordando com o que foi proposto no comentário ou não, em uma dinâmica comentários e respostas como é exposto na imagem abaixo (Figura 3). Após a disponibilização do texto que irá orientar o debate e em um outro *post* voltado para o debate permitindo aos debatedores comentar tanto os aspectos teóricos dos textos selecionados como também o compartilhamento de suas experiências que se relacionam a temática estabelecida, tudo isso dentro do tempo estipulado para a duração do debate, como é visto na figura 2. A lógica de comentar e outros responderem o mesmo comentário, convergindo ou discordando com a opinião expressa, agradou bastante os professores participantes, além de possibilitar essa discussão, em um local mais próximo a todos, que é a rede social.

Figura 3 - Debate do texto em forma de comentário.



Fonte: Ian S. Lemos Monteiro/LVEH

Após este período foi feito uma avaliação com os participantes da discussão para saber quais foram as impressões possíveis a partir da leitura do texto e do debate feito, assim como a avaliação da metodologia proposta através da rede social.

Na primeira atividade tivemos ao todo, 46 comentários e 17 participantes discutindo

sobre o Ensino de Jovens, Adultos e Idosos, refletindo a partir do que foi proposto no texto e também a partir de suas experiências na modalidade. Em nossa segunda atividade tivemos a participação de 4 pessoas, onde foi possível explanar sobre aspectos gerais dos textos debatidos sobre o ensino de história e cultura surda. No entanto é possível perceber uma grande baixa de participação na segunda atividade, um dos motivos que pode justificar esta baixa é o algoritmo da rede social, que funciona de acordo com o engajamento das pessoas em uma publicação e também com a frequência de publicações. A primeira atividade foi feita no mês de maio e a segunda foi feita em setembro, um espaço de aproximadamente 4 meses sem publicações feitas no grupo e que proporcionaram uma queda no engajamento das atividades postadas.

Figura 4 - Comentários de avaliação do primeiro debate.

Fonte: Ian S. Lemos Monteiro/LVEH

Ainda sim o projeto conseguiu atingir seu objetivo de divulgar e debater sobre História em locais mais amplos como as redes sociais. No entanto é necessário sempre estar atento às dinâmicas das plataformas utilizadas, assim como as formas de gerar engajamento e participação nas suas publicações.

3.2 Youtube e a divulgação científica

A criação de conteúdos educativos voltados para o YouTube é bastante extensa e boa parte disto se justifica pelo seu potencial de explorar o audiovisual, de forma que seja possível uma grande mistura de elementos na composição dos materiais. Para além disso, outra importante informação é que o consumo de vídeos online tem aumentado cada vez mais, de acordo com a pesquisa TIC domicílios 2019 realizada pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (Cetic.br), 74% dos indivíduos que utilizam a internet consumiram vídeos online. A plataforma do Youtube, por exemplo, se tornou a segunda maior em compartilhamentos de vídeos assistidos, perdendo apenas para a Rede Globo, segundo a pesquisa Vídeo Viewers de 2018 (MARINHO, 2018).

É um fato a relevância da plataforma de compartilhamento de vídeos no cotidiano da maioria de nós, por isso, o projeto HISTORIX se dedicou a divulgar a produção acadêmica produzida na Universidade Federal do Pará, especificamente, do Campus universitário de Ananindeua, criando o canal Laboratório Virtual de Ensino de História[10], durante o período que analiso de 2018 a 2019 foram produzidos 6 vídeos e tendo o primeiro publicado no dia 12 de Junho de 2018. Para a construção desses vídeos foram selecionados trabalhos (livros, artigos, etc…) desses profissionais citados acima e a partir da leitura dos materiais, eram elaborados roteiros de entrevistas[11] que serviriam como base para a gravação, o roteiro era lido pelo entrevistado e passamos para a etapa de gravação, a ideia era que os vídeos seguissem uma linha de duração não muito longa mas que também levassem em consideração a necessidade de uma discussão aprofundada, a média ideal para os vídeos ficou entre 20 a 23 minutos. As primeiras gravações foram feitas através da câmera do notebook, mas que depois passaram a ser registradas pelo celular. Após isso, a próxima etapa era edição que consiste em adicionar tabelas, imagens ou referências de textos citados nas entrevistas e fazer os cortes necessários na filmagem. Para a edição de vídeo foram utilizados dois editores gratuitos, o DaVinci Resolve e posteriormente o VSDC, a justificativa da troca é que o primeiro editor utilizado exigia um computador de maior qualidade, o que acabava por fazer o processo de edição se tornar mais exaustivo e problemático, por outro lado o VSDC se apresentou como uma opção mais leve e adequada para a minha realidade. Após as edições, o vídeo era feito *upload* do vídeo na plataforma do YouTube e compartilhado através do link em nossas redes sociais.

---

[10] Atualmente o canal teve seu nome alterado para HISTORIX, o mesmo nome intitulado do projeto submetido a PROEX, porém os vídeos produzidos para o canal, continuam disponíveis. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCRZNChNK4pzM4mtbP_tA_RA

[11] Exemplos de roteiros utilizados para a elaboração das entrevistas podem ser consultados na seção de apêndices.

Os 6 vídeo-entrevistas produzidos foram feitos com os profissionais dos campus, em sua maioria com docentes da faculdade de história, sendo esses vídeos: 1) História da alimentação e do abastecimento: Onde foi discutido como se configurou a alimentação e o abastecimento da cidade de Belém, com a Professora Sidiana Macêdo; 2) Educação de jovens, adultos e idosos: Durante esta entrevista para o laboratório virtual de ensino de história, a professora Taissa Barbosa comenta e debate sobre sua experiência e sua pesquisa sobre a modalidade EJA, dando sugestões de leituras e falando também um pouco da história desta forma de ensino; 3) No limiar do império: Neste vídeo foi debatido e apresentado o livro "No limiar dos impérios: A fronteira entre a capitania do Rio Negro e a província de Maynas: Projetos, circulações e experiências (c.1780-c.1820)" do professor Carlos Bastos, fruto da sua pesquisa de pós doutorado; 4) Ensino de História dos Surdos: O professor Ernesto Padovani Netto e o LVEH discutem sobre a história Surda e do ensino de surdos, as dificuldades enfrentadas por estes sujeitos socialmente esquecidos e também sobre sua produção científica voltada para o ensino de Surdos; 5) Um grego agora nu: Para este vídeo, entrevistamos a professora Anna Maria Linhares, onde ela apresentou em detalhes o seu livro "Um grego agora nu: índios marajoara e identidade nacional brasileira" que foi fruto da sua pesquisa de doutorado; 6) História Econômica na Amazônia: Neste vídeo recebemos a professora Siméia Lopes para discutirmos sobre o mercado de crédito da cidade de Belém e também sobre a História econômica na Amazônia durante os séculos XVIII e XIX.

Na Tabela 1 consta os vídeos produzidos durante os anos de 2018 e 2019, seguidos por seus títulos, tempo de duração e visualizações obtidas em cada vídeo:

Tabela 1. Métricas associadas a exibição dos vídeos na plataforma do Youtube

Vídeo	**Duração**	**Visualizações**
História da alimentação e do abastecimento	28m10s	171
Educação de jovens, adultos e idosos	23m42s	543
No limiar do império	27m42s	66
Ensino de História dos Surdos	21m45s	267
Um grego agora nu	22m18s	208
História Econômica na Amazônia	30m55s	161

As informações constatadas na tabela foram obtidas através dos dados disponibilizados pelo YouTube e as visualizações são referentes ao período de junho de 2018 a abril de 2021.

É possível perceber que o desempenho de visualizações dos vídeos que tem a duração

mais “curta”, que variam entre 20 a 23 minutos, tendem a ter um maior número de visualizações, como é visto na tabela acima. Isso se torna um fator importante a ser levado em consideração ao produzir conteúdos voltados para a plataforma, pois vídeos de duração mais longa tendem a não chamar atenção dos usuários no YouTube. Outro fator que chama a atenção é o da periodicidade das publicações do canal, por exemplo, o historiador Icles Rodrigues, criador do canal Leitura ObrigaHISTÓRIA cita que o YouTube “privilegia a divulgação de vídeos postados por canais com uma maior periodicidade” (RODRIGUES, 2019), o que também foi possível perceber no canal do LVEH. Após o intervalo dado entre o segundo vídeo que foi publicado em junho de 2018 e o terceiro em outubro de 2018, foi possível perceber uma queda no número de visualizações, parte disso pode-se relacionar ao algoritmo da plataforma com a falta de periodicidade das publicações, além de que a duração do terceiro vídeo ser um pouco maior do que a considerada ideal.

No entanto, apesar de suas problemáticas, a atuação na plataforma do YouTube se destaca principalmente por sua interatividade e *feedbacks* mais rápidos através de comentários dos usuários sobre suas experiências que muitas vezes se relacionam diretamente com os conteúdos produzidos. Além de nos possibilitar a reivindicação de um espaço de grande potencial para os historiadores, mas que tem sido por muitas vezes esquecido ou menosprezado.

3.3 Google Classroom e o Curso de Arqueologia no Ensino de História

O Google *Classroom* ou Google Sala de Aula é um aplicativo que permite criar ambientes que simulam a ideia da sala de aula, permitindo a utilização de murais para adicionar informações e avisos, o envio de atividades (permitindo aos professores corrigir e comentar o trabalho enviado, além de um sistema de atribuição de nota. Esta ferramenta foi utilizada para ofertar do curso online “Arqueologia no Ensino de História” ministrado pelo professor Wesley Kettle e pela professora Moema Alves, onde atendemos a demanda de 46 alunos vindo de diversos estados, onde foi discutido sobre as possibilidades de auxílio a prática docente, aperfeiçoamento das aulas e do ofício do historiador a partir da utilização da Arqueologia. Para o curso tivemos uma procura de 203 pessoas, entre professores, graduandos e mestrandos que buscavam aprimorar sua forma de ensino.

A metodologia utilizada consistiu na leitura de textos e produção textual, sempre relacionando o texto com as possibilidades de utilização dos conhecimentos arqueológicos expostos pelos autores em cada artigo. Aqueles que completaram todas as atividades durante o

curso, receberam uma certificação de participação.

3.4 Site do LVEH

O site do Laboratório Virtual de Ensino de História[12] foi construído com a proposta de ser um repositório digital do projeto e também de seguir o objetivo de divulgar e promover debates e produções acadêmicas como uma forma de amplificar o alcance destas produções. No site está organizado nas seguintes seções: página inicial, sobre lveh, vídeos, blog, exposições virtuais, curso online e biblioteca digital.

Figura 6 - Página inicial do site do Laboratório Virtual de Ensino de História.

Fonte: Ian S. Lemos Monteiro/LVEH

Em nossa página inicial, ficam as principais informações do projeto, como atividades, certificados e divulgação de eventos. A seção “sobre o lveh” é destinada apenas a uma breve descrição do projeto. Durante a seção “vídeos”, estão todos os materiais produzidos para o nosso canal do YouTube, assim como em nosso blog, compartilhamos as atividades feitas no Facebook, como chamada para as atividades e disponibilização de certificados.

Em 2018, foi realizada uma exposição digital a partir da disciplina “Ensino de História e Educação Ambiental”, ministrada pelo professor Wesley Kettle com a Turma de 2017 do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pará - Campus Ananindeua, onde foram expostas pinturas que expressam as representações do mundo natural ao longo do tempo. No ano de 2019, construímos um acervo digital chamado “Biblioteca do LVEH”, onde disponibilizamos *e-books*, todos autorizados e enviados por seus autores, para que possam ser disponibilizados para download e ao mesmo tempo, para divulgação do trabalho desses

[12] Pode ser acessado por: https://www.lveh.ufpa.br

acadêmicos.

A partir de todos esses fatores, conseguimos também, colaborar com a competência requisitada no Projeto Político Pedagógico do curso de História que orienta a elaboração e utilização de novas tecnologias aplicadas ao ofício do historiador por parte dos acadêmicos.

4 UMA OUTRA POSSIBILIDADE: VÍDEO-ENSAIO E VÍDEO-HISTÓRIA

Outra possibilidade de atuação são os chamados vídeo-ensaios, formato bastante difundido nos últimos anos dentro de plataformas de compartilhamento de vídeos como Youtube e Vimeo, que inicialmente se relacionava a discussões sobre cinema, porém a partir da popularização desse formato de comunicação que de certa forma foi construído e adaptado a linguagem da internet/cibercultura, as discussões foram expandidas para além deste nicho e acabaram encontrando um público mais abrangente. São vídeos curtos, pensados para a dinâmica da internet e que consistem na união do que entenderíamos como ensaios literários, que segundo Rosinda Manuela Ribeiro da Costa seriam textos breves que passeiam entre o poético e o didático, apresentando críticas, reflexões e ideias acerca do tema estabelecido, "Trata-se de uma correlação de significados, um teste de ideias, um jogo entre fatos e ficções" (COSTA, 2013, p.29), com conteúdos audiovisuais que façam sentido na construção de sua narrativa, podendo ser representada por formatos e estéticas diferentes, como por exemplo a de um documentário onde o existe um narrador que dialoga diretamente com as imagens expostas ou também onde há uma pessoa em vídeo, semelhante a uma apresentação que expõe os argumentos elaborados, podendo também ser utilizada ambas características em um mesmo vídeo, as possibilidades são amplas. Para Jefferson Cabral,

> Não há padrões estabelecidos para a temática escolhida, como também não existe um método que unifique visualmente os vídeos-ensaio numa só categoria, como é possível observar nos exemplos dados. O que é concebível reunir no conceito de vídeo-ensaio é a atividade de liberdade de um sujeito que expõe seu ponto de vista pessoal através do vídeo enquanto uma experiência pública. (CABRAL, 2017

O conteúdo desses vídeos busca focar em uma temática específica, a qual vai se utilizar de recortes de materiais diversos, buscando uma reflexão ou crítica baseado na sua temática. É de extrema importância ressaltar que deve sempre haver diálogo entre as camadas utilizadas nos vídeos, por exemplo, a imagem exposta no vídeo deve fazer sentido com o que é falado, assim como caso seja utilizada alguma música, entrevista ou qualquer outra fonte, esta ferramenta deve ser utilizada e pensada de forma conjuntural, para que assim a narrativa proposta esteja em coesão.

Outra forma muito parecida é o vídeo-história que consiste em uma produção de um material audiovisual no qual busca produzir uma narrativa, defendendo um argumento através da utilização e exposição de fontes. Segundo Mauad e Dumas a "vídeo-história implica na elaboração de um novo tipo de texto histórico, que considere, na sua produção, a natureza de enunciação das fontes trabalhadas" (MAUAD; DUMAS, 2011), sejam elas entrevistas, músicas ou outro tipo de fonte visual ou sonora. Por um lado, a ideia de vídeo-história está mais ligada a uma proposta de discussão acadêmica da ciência história, pois como citado anteriormente, se trata de um novo tipo de texto histórico então está ligado diretamente ao ofício do historiador e seu rigor ao tratamento das fontes, assim como sua metodologia de análise a ela, mas que busca levar os debates próprios da área para outros ambientes em que possa expandir os seus públicos. Se trata de uma proposta de mediação e exercício de história pública, pois essas duas formas de vídeo têm em comum a criação e defesa de sua tese a partir da argumentação feita baseadas em fontes, assim como um texto escrito, porém voltado para a linguagem audiovisual e adaptada para a dinâmica da rede social que será utilizada.

A exemplo disso posso citar um projeto que desenvolvi e que foi fortemente influenciado por minha experiência no HISTORIX, o canal "Recortes da História"[13] que busca refletir sobre a história ou conceitos históricos a partir de filmes e desenhos. A metodologia de produção dos vídeos do canal consiste em algumas etapas, sendo a primeira a seleção do conteúdo que será debatido o nos leva a questões centrais para a construção do vídeo como, qual filme/desenho será utilizado, qual reflexão pode ser feita a partir desse material e quais autores dialogam com a proposta estabelecida? Tendo resolvido essas questões, passamos para a segunda etapa que seria a elaboração de um texto/roteiro que de certa forma será resultado das indagações feitas anteriormente, porém neste ponto é importante ressaltar que a linguagem que será utilizada, irá também ditar que tipo de público irá se interessar no conteúdo e quando falo em linguagem está incluso tanto os elementos verbais, quanto não verbais. O terceiro ponto são os aspectos mais técnicos de produção como a gravação da narração do vídeo, o tratamento do áudio e a edição do vídeo que inclui recortes de cenas e seleções de imagens que serão utilizadas para auxiliar na construção do argumento central, que também influenciará diretamente na forma de comunicação do conteúdo com as pessoas que irão assistir o vídeo, em alguns vídeos por exemplo é utilizado a linguagem dos memes, sejam em formas de emojis ou vídeos como forma de aproximação com o público mais jovem. E a última etapa consiste na

[13] Canal do Youtube criado em 2020, por Ian Silva Lemos Monteiro, Paulo Henrique Santos dos Santos e Victória Emi Murakami Vidigal. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCHGxu3uQJ75ODAJPQA2t7cQ

elaboração do texto extra vídeo, no caso do canal, a utilização da descrição do vídeo publicado, onde é exposto as referências bibliográficas utilizadas.

Os conteúdos dos vídeos produzidos foram pré-estabelecidos acerca de uma temática, como foi a série de 3 vídeos falando sobre aspectos da modernidade. O primeiro vídeo se ateve a discutir quais foram os aspectos da modernidade e suas contradições, para isso utilizamos de filmes como Tempos modernos[14] (1936), entrevistas com autores sobre o assunto discutido, além de explorar mídias e conceitos atuais que se construíram a partir de uma lógica de modernidade. O segundo vídeo do canal foi construído a partir de reflexões sobre história e natureza, a partir do desenho Princesa Mononoke[15] (1997), onde é exposto contradições sobre a lógica de modernidade, que no contexto do filme, é extremamente predatória aos recursos naturais, o que acaba por causar problemas com espíritos protetores da floresta e também desastres ambientais. O terceiro vídeo trouxe um debate acerca da memória a partir do filme Aquarius[16] (2016) que conta a história de uma moradora de um prédio antigo da cidade de Recife e que tem muitas memórias vinculadas ao local e aos objetos de sua casa, mas essas memórias passam a ser ameaçadas por um projeto de modernização do prédio por uma empreiteira.

Os vídeos citados não se prendem aos filmes ou desenhos abordados mas utilizam esses materiais como ferramentas para a construção de um debate ou uma reflexão, ocupando desta forma os locais de entretenimento que citei no início deste texto. E isto serve para filmes que envolvam ou não uma abordagem histórica em sua trama, mas possam mostrar uma proposta de mediação entre o entretenimento e a história.

5 CONCLUSÃO

Hoje as redes sociais se destacam como um local vasto e fértil para produções educacionais, pois permitem uma variedade de colaborações e adições a novas propostas educacionais. Além disso, a internet e as redes sociais fazem parte de uma parcela significativa da vida de cada um de nós. Tendo em vista a “proliferação das redes sociais e o grande papel que elas desenvolvem no que diz respeito à circulação de ideias demonstram um fenômeno histórico e cultural extremamente importante em termos de mídia e sociedade” (OLIVEIRA, 2014).

---

[14] TEMPOS Modernos. Diretor: Charles Chaplin. Estados Unidos da América: Charlie Chaplin Productions, 1936. 1 DVD (87 min)
[15] PRINCESA Mononoke. Diretor: Hayao Miyazaki. Japão: Studio Ghibli, 1997. 1 DVD (134 min)
[16] AQUARIUS. Diretor: Kleber Mendonça Filho. Brasil: Globo Filmes, 2016. 1 DVD (142 min)

Este artigo expõe novas possibilidades de atuação para o profissional da história em um campo pouco explorado, mas que é permeado por medo e desconfiança por parte da academia. É necessário quebrar com a ideia de que a utilização de novas tecnologias, tanto no ensino básico quanto no superior, são metodologias de baixo potencial ou anti academicistas. Pois através do exercício metodológico possibilitado pela História Pública é possível perceber que, "as redes sociais na Internet representam um enorme poder de colaboração popular. A História Pública não está interessada apenas em divulgar o conhecimento histórico. Ela também está interessada em fazer com que os diversos segmentos da sociedade participem da construção deste conhecimento" (CARVALHO, 2016). Combinado a ideia de comunidades propiciadas pelas Humanidades Digitais, que nos permite uma visão mais colaborativa e transdisciplinar, onde percebemos a formação de uma cultura específica da rede.

Com a utilização das novas tecnologias o ensino de história se torna mais prático e eficiente e de acordo com uma pesquisa feita pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Universidad San Carlos, "as disciplinas que se utilizam das novas tecnologias possibilitam melhor compreensão do conteúdo, provocam o interesse e estimulam a curiosidade. Enfatizamos ainda que os meios tecnológicos tornam as aulas participativas, principalmente quando bem explorado pelos professores" (DIOGINIS *et al*, 2015).

Assim entendemos também que as dinâmicas proporcionadas pelo vídeo ensaio ou vídeo-história se tornam bastante efetivas pois acompanham um processo de dinamização de informações que está cada vez mais acelerado e por mais que não esteja necessariamente ligado a uma ideia de produção acadêmica, pois é um produto gerado pela cultura da internet essas formas de produção, se mostram como uma oportunidade para o historiador e uma forma legítima de desenvolver debates e reflexões na ciência através dos meios digitais.

A tentativa de elaboração de recursos digitais tem como intuito principal desenvolver de forma acessível e criativa a relação ensino-aprendizagem. O projeto "HISTORIX" trabalha em uma natureza dialética, pois ao mesmo tempo que busca desenvolver formas criativas de trabalhar a história, também elabora meios para a capacitação e formação de professores para que possam ser mais efetivos em sua prática docente. Na tentativa de

> criar novas maneiras de formar e capacitar às novas gerações de nossa sociedade, considerando que é necessário trabalhar com as mentalidades de diferentes grupos sociais e com múltiplas informações que permeiam a vida social em uma época profundamente marcada pelo impacto de novas tecnologias que aceleram e dinamizam as relações entre pessoas, grupos e instituições, possibilitando um acesso múltiplo e variável a fontes diversas de informação que também ajudam a compor a consciência histórica de grupos e de indivíduos. (BENTO, 2013)

A ampliação e dinamização de determinados processos, como por exemplo, o de ensino-aprendizagem significa, como afirma Schmidt e Cainelli (2009), "dar um passo em

direção à realidade, tornando significativo aquilo que se aprende". Os projetos que serviram como sustentação deste artigo, tem como objetivo fazer com que o ensino e a pesquisa acadêmica se tornem cada vez mais significativas e que consigamos ir além de nossos próprios muros, percebendo que "escola de hoje vai além de ser um espaço com o mero objetivo de transmitir conhecimentos e adquirir competências valorizadas no mercado" (BRASIL, 2007), o mesmo podemos pensar para a universidade.

A partir da experiência obtida através dos projetos aqui apresentados, foram apresentadas maneiras de construir metodologias que fossem possíveis participações comunitárias no desenvolvimento do debate, de forma ampla e democrática, buscando sempre "criar condições para que pudessem tirar vantagens da tecnologia" (OLIVEIRA, 2005), além de estar em consonância com a Programa Nacional de Tecnologia Educacional - ProInfo, buscando fomentar a melhoria do processo de ensino e aprendizagem com o uso das tecnologias de informação e comunicação. A experiência e atuação no projeto, nos permite perceber a variedade de opções que são postas a partir da utilização das novas tecnologias e que se mostra como uma possibilidade não só para a História, mas como uma possibilidade educacional para outras áreas de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALBIERI, Sara. **História pública e consciência histórica.** In: ALMEIDA, Juliene Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). Introdução à história pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

BENTO, Luiz Carlos. **O saber histórico e o ensino de história: Uma reflexão sobre as possibilidades do ensino escolar da história.** *Fato & Versões* , v. 5, p. 63-75, 2013.

BERRY, David. **Introduction: Understanding the Digital Humanities.** In BERRY, David. *Understanding Digital Humanities.* London: Palgrave Macmillan, p. 1-20, 2012.

BRASIL. **Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007. Programa Nacional de Tecnologia Educacional- ProInfo.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF**.** [2007] Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6300.htm. Acesso em: 10/09/2019.

CABRAL, Jefferson Bruno de S. **A arte da apropriação no vídeo-ensaio.** Monografia (Especialização em Cinema) Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN, 2017.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada).** In: *Café História* – história feita com cliques. Disponível em: https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso: 25/04/2019.

_____. Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online. *Revista História Hoje*, v. 3, nº 5, p. 165-188 - 2014

_____. História Pública e redes sociais na internet: Elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Transversos: Revista de História.* Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, set. 2016.

COSTA, Rosinda Manuela Ribeiro da. **O vídeo-ensaio, à procura de uma enteléquia: projeto para a construção de um livro audiovisual** . Tese de mestrado, Arte Multimédia (Especialização em audiovisuais), Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2017 Disponível em: https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33843

DEMO, P. **Olhar do educador e novas tecnologias.** *Boletim Técnico Senac:* a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 37, no 2, mai./ago. 2011.

_____. Aprendizagem e novas tecnologias. Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física – ISSN 2175-8093 – Vol. 1, n. 1, p.53-75, Agosto/2009

DIOGINIS, Maria Lucineide; CUNHA, José Jailton da, NEVES; Fernando Henrique;

CRISTOVAM, Wilson. **As novas tecnologias no processo de ensino aprendizagem.** Colloquium Humanarum, vol. 12, n. Especial, 2015, p. 1155-1162. ISSN: 1809-8207. DOI: 10.5747/ch.2015.v12.nesp.000735

FERREIRA, Rodrigo de Almeida . **Qual a relação entre a história pública e o ensino de História?.** In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade. (Org.). *Que história pública queremos?*. 1 ed.São Paulo: Letra e Voz, 2018, v. 1, p. 29-48.

GOMEZ, Margarita V. **Cibercultura, formação e atuação docente em rede: Guia para professores**. Brasília: Liberlivro, 2010.

IBGE. **PNAD Contínua TIC 2016: 94,2% das pessoas que utilizaram a Internet o fizeram para trocar mensagens.** *Agência IBGE Notícias.* Estatísticas Sociais, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20073-pnad-continua-tic-2016-94-2-das-pessoas-que-utilizaram-a-internet-o-fizeram-para-trocar-mensagens>

LIDDINGTON, Jill. **O que é história pública?** In: ALMEIDA, Juliene Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). Introdução à história pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LEVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência?** O Futuro do Pensamento na era da Informática - RJ: Editora 34, 1993.

LUCCHESI, Anita. P**or um debate sobre História e Historiografia Digital.** *Boletim Historiar*, [S.l.], n. 2, abr. 2014. ISSN 2357-9145. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/2127>. Acesso em: 10 set. 2019.

MARINHO, Maria Helena. **Pesquisa Video Viewers: como os brasileiros estão consumindo vídeos em 2018.** *Think with Google.* Vídeo, Tendências de Consumo, Entretenimento, 2018. Disponível em: https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/ . Acesso: 08/09/2019.

MAUAD, Ana Maria; DUMAS, Fernando. **Fontes orais e visuais na pesquisa histórica: Novos métodos e possibilidades narrativas.** In: ALMEIDA, Juliene Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). Introdução à história pública. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2011.

NOIRET, Serge. **História Pública Digital.** *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, mai. 2015.

Núcleo da Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br). (2020). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação.** pesquisa TIC Domicílios, ano 2019. Disponível em: http://cetic.br/arquivos/domicilios/2019/domicilios/.

OLIVEIRA, Nucia. **História e internet: conexões possíveis.** *Revista Tempo e Argumento*. v.6, nº 12, 2014.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. **Ciberhistória.** *Revista Museu*, 2005. Disponível em: http://www.revistamuseu.com.br

O'REILLY, Tim. **What is Web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software.** [09/2005]. Disponível em: https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html Acesso em: 7 abr. 2021.

PASSOS, Paulo; HOURS, Débora Sögur. **Internet supera TV em influência na eleição.** *Folha de São Paulo.* São Paulo, 2018.

ROCHA, Ezi Silveira. **O uso de recursos tecnológicos na educação de jovens e adultos.** *Brasil Escola.* Educação, 2014. Disponível em: https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/o-uso-recursos-tecnologicos-na-educacao-jovens-adultos.htm.

RODRIGUES, Icles. **História no YouTube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro.** In: CARVALHO, Bruno L. P. de; TEIXEIRA, Ana P. T. (org.). História Pública e divulgação de história. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2019.

SAYER, Faye. **History beyond the classroom.** In: ____. *Public history:* a practical guide. London; New York: Bloomsbury Academic, 2015.

SILVA, Marcos. **Ensino de História e Novas Tecnologias.** Universidade Federal de Sergipe. 2007. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/historia_artigos/2silva_artigo.pdf . Acesso 10 de set de 2019.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** 2ª Edição, São Paulo: Scipione, 2009.

UFPA. **RESOLUÇÃO N.º 3.298, DE 7 DE MARÇO DE 2005.** Belém, 2005. Disponível em: https://cppd.ufpa.br/resolucao3298consepe2005.pdf

APÊNDICE A – ROTEIRO DO VÍDEO “HISTÓRIA ECONÔMICA NA AMAZÔNIA"

Roteiro de entrevista:

1) Qual a importância desse mercado de crédito para a capitania do Pará?

2) Durante o seu artigo, você aponta que “Em documentos como os testamentos e inventários, podem-se encontrar as declarações de débitos e de créditos, as quais apresentavam que além das relações de empréstimos em ‘moeda corrente, letras’ ou em ‘fazendas’, havia também as descrições de escambo” (p. 96), como se estabelece essa prática de escambo durante o período em que está sendo analisado, tendo em vista que os livros didáticos dão a entender que o escambo seria uma prática exclusivamente do século XVI, como essa relação se estabelece dentro desta lógica do mercado de crédito que o texto propõe analisar?

3) Durante o artigo é destacado a dualidade de atribuição de valor a mercadorias, a partir do que é designado como “moeda natural” e “moeda metálica”. De que forma era caracterizada uma moeda natural?
Como essas duas moedas (metálica e natural) foram utilizadas neste mercado?
A utilização de determinada moeda servia para diferenciar uma condição social ou econômica?

4) Haviam instituições de crédito ou eram apenas de iniciativa privada?

5) Durante o texto é citado 3 tipos de mercadores. Pode nos falar um pouco sobre a caracterização de cada um desses e sua relevância social?

6) No artigo é citado que a relação de crédito possuía uma conotação moral ligada à confiança e à honestidade daqueles que estavam envolvidos. Este fator moral servia como garantia para a quitação das dívidas?
O juramento da alma se encaixa como um desses fatores que circulavam o mercado de crédito, com essa conotação moral?

APÊNDICE B – ROTEIRO DO VÍDEO “UM GREGO AGORA NU"

Roteiro de entrevista:

1) O que/quem seria o “grego agora nu”?

2) Atualmente, tem-se uma luta muito forte por parte dos indígenas em ter seu lugar na história, ser um sujeito com cultura própria, ou melhor dizendo, com culturas próprias e vemos que de pouco em pouco no Brasil cresce um discurso contra as comunidades indígenas, contra o direito das reservas mas que quando lhe convém, se apropria da cultura dos mesmos. E em seu livro, você defende que um dia o Brasil todo foi Marajoara e que o índio Marajoara fez parte da criação da identidade nacional
Como se construiu essa ideia? Tendo em vista que o mesmo índio que era, e ainda é, visto como uma representação do atraso, de que forma ele representaria a ordem e o progresso?

3) Como você enxerga essa utilização do indígena como símbolo nacional do país? Acredita que foi bom para a valorização da cultura indígena ou como uma generalização das culturas?

4) A interdisciplinaridade é um dos pontos chave na sua pesquisa, tendo diálogos com a antropologia, arqueologia, história e literatura, por exemplo. Como poderíamos aplicar pontos da sua pesquisa ao ensino básico? Quais as possibilidades?

APÊNDICE C – ROTEIRO DO VÍDEO “ENSINO DE HISTÓRIA DOS SURDOS"

Roteiro de entrevista:

1) Os excluídos na História e os excluídos do ensino:

Em seu artigo, o professor Padovani comenta sobre a atração dos historiadores por grupos marginalizados na sociedade os quais têm sido alvos de muitos estudos. No entanto, as pesquisas historiográficas por mais que tentem escrever uma história destes grupos de “excluídos”, muitos ainda continuam silenciados e suas lutas, por muitas vezes, invisibilizadas, como o caso dos alunos deficientes auditivos.

Como lidar com alunos tão diversos e com realidades completamentes diferentes, mas que são vistos pelo senso comum como uma unidade e uma única cultura?

Como fazer com que esses alunos se identifiquem nas aulas de História e sintam-se sujeitos dessa História?

2) A prática docente e sua formação:

Com o grande interesse pela pesquisa em ensino de História é possível ver um movimento em busca de metodologias que suscitam o interesse do alunado pelas aulas de História como a aplicação de jogos, filmes, paródias, entre outros… Do seu ponto de vista, como seria a aplicação de algumas dessas metodologias a alunos surdos?

Há como aplicar? Se sim, poderia comentar conosco algumas delas?

3) O professor de História e as novas tecnologias:

Atualmente, as novas tecnologias são uma constante no dia a dia de muitos alunos, e por muitas vezes têm sido vistas como uma pedra no meio do caminho pelos professores. Em abril deste ano o professor Padovani Netto postou uma vídeo aula no YouTube, direcionada para os estudantes surdos, sobre movimentos sociais pelo canal do projeto “História e Libras”. A partir disso, gostaríamos que comentasse sobre a importância da utilização dessas novas tecnologias no ensino de história? Como podemos pensar um ensino de história destinado para pessoas surdas com o auxílio dessas novas tecnologias?